

O ROMANÊS FALADO PELOS CIGANOS *KALDERASH* DO MUNICÍPIO DE APARECIDA DE GOIÂNIA – GOIÁS

IDIOM ROMANÊS SPOKEN BY GYPSIES *KALDERASH* THE MUNICIPALITY OF APARECIDA GOIÂNIA – GOIÁS

Elza Kioko Nakayama Nenoki Murata* (UFG)

RESUMO: Este trabalho visa à identificação do dialeto romanês falado pelo grupo cigano *kalderash*, de Aparecida de Goiânia, Goiás. Nesta perspectiva, farei um estudo comparativo entre a descrição apresentada por Ian Hancock no livro *A handbook of vlax Romani* (1995) sobre o romani, língua universal dos ciganos *kalderash*, e a descrição feita a partir de minha pesquisa de campo na qual convivi semanalmente de agosto de 2009 a agosto de 2010 coletando vocábulos, expressões do romanês e observando o dia a dia desses ciganos. O objetivo deste artigo é mostrar que os dados por mim coletados apontam para o fato de esse grupo não só usar o romanês em diversas situações como conversas entre os familiares, entre os próprios ciganos, nos cultos (são evangélicos), mas que também mantém muito mais da língua original, o romani. Assim, pode-se concluir que se levarmos em conta os aspectos morfológicos e sintáticos do romanês e o seu uso exclusivo entre a família e o grupo, os *Kalderash* de Aparecida de Goiânia ainda conservam grande parte de sua língua.

PALAVRAS-CHAVE: Ciganos *Kalderash*. Romani. Dialeto Romanês.

ABSTRACT: This work aims to identify the dialect romanês spoken by the group gypsy *kalderash*, of Aparecida in Goiania, Goiás. In this perspective, I will make a comparative study between the description by Ian Hancock in book *A handbook of vlax Romani* (1995) on the Romani, universal language of gypsies *kalderash*, and the description made from my fieldwork in which convivi weekly August 2009 to August 2010 collecting words, expressions of romanês and observing the day to day these gypsies. The objective of this Article is to show that the data collected by me point to the fact that this group not only use the romanês in various situations as conversations between family members, among themselves, gospel religions (they are evangelic), but also maintains much more the original language, the Romany. So, it is possible to conclude that are taken into account the morphological and syntactic aspects of the romanês and its exclusive use between the family and the group, the *Kalderash* of Aparecida in Goiânia preserve great part of his language.

KEYWORDS: *Kalderash* Gypsy. Romani. Idiom Romanês.

* Professora Adjunta da Universidade Federal de Goiás (UFG), coordenadora do Núcleo de Pesquisa Linguagem e Imaginário (Nelim). Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: elzakm@terra.com.br.

Introdução

Pequenas e grandes cidades abrigam grupos de ciganos que as elegem como sua moradia temporária ou fixa. A sobrevivência nesses espaços imprime em seu imaginário traços marcante que se manifestam em seu bilinguismo, pois fala o português e o romanês, dialeto do romani, língua universal dos ciganos. Assim, o objetivo deste artigo é fazer uma descrição parcial, concernente a alguns aspectos morfológicos e sintáticos dessa língua, usada pelos ciganos *Kalderash* de Aparecida de Goiânia, e comparar a descrição à de Ian Hancock, verificando se houve mudanças no romanês em relação ao romani.

Os dados foram coletados de agosto de 2009 a agosto de 2010 na comunidade cigana de Aparecida de Goiânia, na qual pude perceber que usam mais o romanês que o português em diversas situações, como conversas em família, nos cultos realizados na igreja (são evangélicos). O *corpus* constitui-se de 760 palavras e 270 expressões. Os *kalderash* de Aparecida de Goiânia são um grupo de 25 famílias, 250 ciganos, que têm como primeira língua o romanês, ou seja, são bilíngues, desde o nascimento.

A Ecolinguística, segundo Couto (2007), propõe-se ver a língua em seu meio ambiente, de forma integrada, respeitando sua diversidade. No caso desta pesquisa, é preciso levar em consideração que os *kalderash* não têm um território próprio, o que torna sua língua, cada vez mais, susceptível de desaparecer. Assim, tem-se a importância de se registrar o dialeto falado por eles.

1 A ORIGEM DOS CIGANOS

No início do século XIII, de acordo com China (1936, p. 9), os primeiros ciganos que surgiram na Europa, diziam que eram originários do “Pequeno Egito”, diziam que andavam errantes por penitência e declaravam que tinham vindo do Egito, mas quando se perguntavam sobre o assunto, não conseguiam informar onde ficava essa região.

Para muitos ciganólogos, os ciganos são originários da Índia e não do Pequeno Egito, expressão que designava a Síria, a Grécia, Chipre. China (1936) argumenta que, se os ciganos tivessem como origem o Egito, haveria algum indício do copta ou do árabe em sua língua, pois, na primeira metade do século VII, os árabes conquistaram o Egito, cujo idioma era o copta. Mota (1986) assevera que “Pequeno Egito” era então a denominação de uma região da Grécia, mas que pelos europeus foi confundida com o Egito, na África. Nesta perspectiva, os ciganos passaram a ser chamados “egípcios”, ou *gypsy* (inglês), *egyptier* (holandês), *gitan* (francês), *gitano* (espanhol), etc. Alguns grupos diziam que eram gregos e

atsinganos, e assim ficaram conhecidos como grecianos (Espanha), *tsigabes* (francês), ciganos (português), zíngaro (italiano), etc.

Moonen (1997) acredita que os ciganos não são originários da Índia, mas aí ficaram tempo suficiente para assimilar alguns costumes e aspectos da língua local. Hoje, a maioria dos especialistas como Mota (1986), Hancock (1995), Couto (2002) acredita que os ciganos sejam originários da Índia e que, ao deixarem esse país, entre os séculos X e XI, devido aos sucessivos conflitos armados com as tropas islâmicas dividiram-se em: Rom, Sinti, e Calon.

Os rom falam a língua romani e são divididos em vários sub-grupos como os *Kalderash*, *Matchuaaia*, *Lovara*, *Curara*. São predominantes nos países balcânicos, mas depois do século XIX migraram também para outros países europeus e para as Américas. Os sinti falam a língua sinto e se concentram mais na Alemanha, Itália e França, onde são denominados Manouch. Os *calon* que falam o *calo* são chamados de “ciganos ibéricos” que vivem principalmente em Portugal e na Espanha, lá conhecidos como gitanos. Esses ciganos se espalharam também para outros países da Europa e foram deportados ou migraram para a América do Sul.

Apesar de serem diferentes grupos com diferentes línguas, atribui-se aos ciganos uma língua comum, o romani, que, durante 700 ou 800 anos, na Europa, fragmentou-se em cerca de 60 dialetos, que podem ser agrupados em dois: *vlox* e *não-vlox*, designação referente ao principado de Valáquia.

O dialeto *não-vlox* era falado pelos *calon* e *sinti* dispersos pelo continente europeu, e o dialeto *vlox*, pelos ciganos que viveram como escravos na Romênia, em torno de 500 ou 600 anos. Devido ao contato que tiveram com outros povos e à sua adaptabilidade, o romani sofreu influência de outras línguas.

Mota (1986) afirma que em vários países da Europa, os ciganos sofreram discriminações. Na Alemanha, no século XV, eram considerados os responsáveis pelas epidemias e calamidades. Na França, foram expulsos sob a acusação de serem feiticeiros e bruxos. Na Dinamarca, os chefes e grupos de ciganos eram mortos ou expulsos. A Inglaterra, no século XVI, negava aos ciganos o direito de asilo em igrejas e santuários, o que nenhum país cristão recusava, nem mesmo aos delinquentes.

Com o fim da escravidão na Romênia, em 1855, os ciganos constituíram-se novamente em grupos, sedentarizando-se em diversas cidades ou migrando para regiões da Europa e para as Américas. A Europa os considerava improdutivos e perturbadores da ordem social, extraditando-os para as colônias da América e da África.

Os primeiros ciganos que chegaram ao Brasil eram degredados de Portugal. Para Melo (2005, p. 42), os *calons* não são procedentes da Romênia, mas da Península Ibérica,

têm dialeto próprio não *vlox*, que, muitas vezes, não é compreendido pelos demais grupos ciganos. Os rom, vindos da Europa Central e da Península Balcânica, chegaram ao Brasil, após a emancipação política.

Segundo Mota (1986 p. 32), os *kalderash*, ferreiros que se consideravam nobres, vieram dos Balcãs e da Europa Central, preservando sua cultura e identidade. Os *matwaia*, provenientes da Espanha, propensos à sedentarização perderam sua identidade étnica; os *rudari*, provenientes da Romênia, vivem principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, tendo bom nível econômico; os *horahané*, provenientes da Turquia e da Grécia, são vendedores ambulantes; os *lovara* desprezam a sua cultura de origem, fazendo-se passar por imigrantes italianos; os *calon*, procedentes da Península Ibérica, têm dialeto próprio e são comerciantes e mecânicos.

2 Os SUJEITOS DA PESQUISA

No princípio de minha pesquisa, conversando com o professor Dr. Hildo Honório do Couto, meu tutor do pós-doutorado, pensei em fazer os estudos com os ciganos *calon* de Trindade, Goiás. Perguntei a muitas pessoas se conheciam os ciganos e sempre recebia a resposta embuída pelo preconceito: já vi, mas não gosto deles, já vi alguns, mas nem chego perto,. Ah! É fácil, você chega a Trindade e logo vê uns acampamentos, mas cuidado, são perigosos, Ah! Assim que chegar a Trindade você vai ver umas panelas penduradas em uma barracas de vendas, ali você encontra os ciganos *calons*, mas credo fazer pesquisa com eles? Cuidado.

A palavra “cuidado”, e todo o preconceito que senti em relação aos ciganos fizeram com que eu tivesse mais certeza sobre o meu tema de pesquisa: estudo sobre a língua e identidade dos ciganos. Assim conversando com Adriana Sadoyama que faz estudos sobre os ciganos *Kalderash* em Uberlândia, surgiu a ideia de fazer a pesquisa com os *Kalderash* de Aparecida de Goiânia. Ela conversou com o líder dos *kalderash* de Uberlândia, Sr. Vidal, que se prontificou em me apresentar ao grupo de Aparecida de Goiânia, pois além de ele ter contato, ele tinha uns familiares também. Assim, ficou de vir pessoalmente para fazer a apresentação, mas uns dias antes do combinado ele telefonou-me e disse que havia tido um imprevisto, mas que já havia falado com o pessoal de Aparecida de Goiânia e que eu poderia encontrá-los tranquilamente. Afinal, já sabiam de minha pesquisa e estavam me esperando.

Em agosto de 2009, fui recebida pela família Castilho, meus informantes, nesta etapa: D. Isabel Castilho, apelido D. Margarida, 84 anos, matriarca da família, Alexsandro

Castilho, apelido Mirlei, 48 anos, filho de D. Isabel e pastor da Igreja Evangélica da Comunidade Cigana, Olga Castilho, apelido Cristina, 61 anos, filha de D. Isabel, Márcia Castilho, 39 anos, esposa de Alexsandro, Rebeca, 12 anos e Mirely, 9 anos, filhas de Alexsandro e Márcia, Wanderlei, 41 anos, neto de D. Isabel, todos residentes no município há um ano.

Logo que cheguei fui recebida pela matriarca Sra. Isabel Castilho (apelido D. Margarida), sua filha Olga Castilho que prefere que a chamem pelo apelido Cristina, o neto da Sra. Isabel, Vanderlei, e a neta Rebeca. O filho, Mirlei que é o pastor da igreja Assembleia de Deus dos Ciganos, e a nora da Sra. Isabel, Márcia Castilho estavam viajando a negócios na Cidade de Maranhão. Os apelidos que são colocados são escolhidos pela própria pessoa por não gostar do nome de batismo.

Essa família morava, no início da pesquisa, de agosto de 2009 até outubro do mesmo ano da seguinte forma: um terreno grande medindo aproximadamente 10 x 40. Neste terreno há uma tenda de lona que cobre quase o terreno todo, tendo um espaço grande na frente onde colocam cadeiras em dias de culto – domingo às 20horas(são evangélicos), há uma mesa grande e do lado há pia, armários, geladeira e fogão, depois um pouco distante há tapetes e uma cama de solteiro onde dorme a matriarca. Os outros dormem em colchões que colocam sobre os tapetes na hora de dormirem. Do lado dos colchões empilhados havia um computador e uma televisão. Não há guarda roupas, as roupas ficam em malas e algumas penduradas em um varal improvisado. A água e a luz eram puxadas clandestinamente, ou seja, puxavam da casa vizinha e pagava a essa vizinha certa quantia de dinheiro. Do lado de fora da tenda há o banheiro, com pia e chuveiro, um tanque para lavar as roupas. Em outubro de 2009, meus informantes mudaram-se para uma casa, que fica a cinco quadras de onde moravam. Nos primeiros meses, após a mudança da tenda para a casa, a matriarca estranhava muito, e ficava muito triste, pois antes na barraca, sempre havia ciganos que chegavam e lá ficavam conversando e participando das refeições.

Em nosso primeiro encontro, conversamos sobre assuntos gerais, suas atividades: são vendedores de colchas, edredons e panelas. Falaram que o cigano pensa no presente e que se tiver que gastar todo o dinheiro que possuem em um almoço para algum parente que vem visitá-los ou em outras ocasiões como alguma festa, por exemplo, que eles gastam tudo. Um dos ciganos vizinho que chegou integrou-se em nossa conversa e disse que embora morasse em casa, mandou tirar todas as janelas, portas e fechaduras, pois não gostava de casa, ficando assim mais próximo do que seria a tenda, sentem-se presos em uma casa convencional.

Serviram o *tchai* (chá feito com canela, cravo, chá preto e pedaços de maçã, ameixa e banana), bolacha maisena e goiabada. Depois passaram um trecho do vídeo do casamento da neta da Sra. Isabel realizado em Uberlândia, a Sra. Isabel traduzia alguns trechos, pois o casamento é todo realizado em romanês. Interessante a fala do pai da noiva, em que dizia ao pai do noivo que a filha representava os dois olhos dele, ela é quem fazia os negócios dele e que, portanto estava dando a eles os dois olhos dele e que esperava que eles a tratassem como filha e que ela deveria ser uma vendedora e não empregada da família.

A família Castilho, 15 anos atrás, viajava de cidade em cidade, tinham um circo com cadeiras para mais de 200 pessoas. Nesse circo, apresentavam números circenses como, por exemplo: o da metamorfose: a Olga/Cristina ficava de um lado e seu primo de outro, pelos jogos de luzes havia a ilusão de que havia a transformação da mulher para o homem gorila, passavam filmes em telões em vários Estados como na Bahia, principalmente. Os filmes de rolos eram a maioria de faroeste e eram alugados de produtores de filmes de São Paulo e Belo Horizonte. Disseram que os filmes que mais faziam sucesso eram dos atores Tony Vieira, Claudette Joubert, Heitor Gaiotti-cara de gato, e com certa nostalgia disse uma informante que dois filmes desses atores, faziam muito sucesso: *A filha do padre* e *Violentadas*.

Nesses 15 anos, também trabalharam como vendedores ambulantes, sem se fixarem por mais de dois meses em uma cidade e morando em tendas. Já foram vendedores de panelas, tachos, jogos de bacias, toalha de banho, bolachas, maçãs, dizem que vendiam muitas maçãs, colocavam alto falante no carro e anunciavam a venda de maçãs. No momento da pesquisa, são vendedores de kits de colchas e panelas. Atualmente, apesar de serem comerciantes de colchas e panelas e chegarem a ficar em outras cidades até por dois meses, mantêm domicílio em Aparecida de Goiânia.

Quando viajam para outros estados, ou cidades distantes de Aparecida de Goiânia, ficam em hotéis, ou alugam casas, tudo depende do tempo que ficarão. Dificilmente, ficam em tendas de lona armadas, mas quando viajam a família toda e estão sem condições de alugar uma casa, procuram a prefeitura da cidade para conseguirem um terreno e autorização para armarem as suas barracas. A prefeitura oferece a eletricidade, a água é difícil e daí o porquê tomar banho em postos de gasolina. Como as demais famílias, quando viajam, dificilmente levam todos os membros da família, a não ser que o planejem ficar mais de seis meses fora. Se viajarem o pai e a mãe ou o pai e os filhos que já estão na idade de comercializar (16 anos), os demais membros ficam em casa.

A maioria dos *kalderash* de Aparecida de Goiânia mora em casas próprias, cinco famílias apenas residem em tendas feitas de lona, por falta de condições financeiras. Entre si, o grupo usa mais o romanês e, com os não ciganos, o português. A terceira geração mistura as duas línguas. Alguns ciganos, disseram os informantes, como os calons, já perderam boa parte da língua, uma vez que os pais não ensinam nem usam o calon na família, os *kalderash* um pouco menos, pois os pais fazem questão de usar somente o romanês entre eles.

O romani, língua cigana universal, não deve ser considerado um jargão ou mesmo uma gíria. Afinal, a gíria é um vocabulário especial, efêmera, possui a função de segredo e passa a ser parte integrante dos grupos que têm que se defender constantemente, adquirindo, portanto, condição de signo de grupo, identificador. O romani é uma língua porque possui uma gramática: os aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos são sistematizados e regulados.

3 COSTUMES E TRADIÇÕES

A família pesquisada e a maioria dos ciganos da comunidade são da Assembleia de Deus da Comunidade Cigana. Como pentecostais, as orações e os cantos, em voz altíssima, são acompanhados de instrumentos, como guitarra e teclado. Os louvores e a maioria dos testemunhos são em romanês.

A maioria das mulheres acima de 60 anos é analfabeta e muitos homens têm dificuldades para ler. A Bíblia é explicada pelo pastor Alexandro ou pelo presbítero Vanderlei. Como viajam muito, dizem que o Espírito Santo é quem lhes dá o entendimento das palavras do Senhor, como afirma Vanderlei, citando a Bíblia: “abre a tua boca e eu falarei por ti.”

Como a maioria é evangélica, as mulheres não mais leem as mãos, nem realizam as festas de promessas ‘Islava’, que duravam de três a cinco dias, pois dizem não acreditarem mais em santos como os católicos. A festa de promessa era realizada para o santo de devoção, caso conseguissem a graça. Assim, se havia alguém doente, faziam promessa a Nossa Senhora da Aparecida ou a Santa Luzia de fazerem festa todos os anos, num período de três anos, por exemplo. A festa durava três dias com comidas ciganas, assados, bebidas e muitos convidados.

Os homens não usam chapéu e camisas bordadas e as mulheres usam saias ou vestidos longos, porém, com não mais de cinco metros, por razões financeiras e porque não querem ser identificadas como ciganas. Afinal, o preconceito que muitas pessoas tem em

relação aos ciganos poderia prejudicar as vendas. As casadas usam lenço na cabeça, como a matriarca, cuja nora, porém, usa uma fita.

No tempo da matriarca, os pais é que escolhiam o noivo ou a noiva, que se conheciam apenas no dia do noivado. Neste dia, os pais do noivo dão à noiva um colar, a *queparka*, uma corrente de ouro com moedas de ouro, símbolo do noivado, costume que ainda se mantém. Acreditam que, quanto mais a noiva usar a *queparka*, mais cedo ocorrerá o casamento. Atualmente, diz a matriarca, o homem afirma aos pais que a moça pela qual tem interesse é honesta, bonita e trabalhadora. Se os pais concordam, começa o namoro e já se combina a data do casamento. Os noivos não podem sair ou ficar sozinhos, mas sempre acompanhados por um dos familiares, como irmão e tio, não faltando, porém, as escapadas para um beijo ou abraço.

As despesas do casamento, festas, vestido da noiva correm por conta dos pais do noivo, que, como dote, deve oferecer três moedas de ouro. Antigamente eram cinco moedas de ouro, o chamado *ustriako*, libras esterlinas, compradas em São Paulo ou Belo Horizonte.

Tempos atrás, as festas de casamento duravam cinco dias, convidando-se todos os parentes. O casamento era realizado em um circo, em volta do qual os convidados levantavam suas tendas e ali ficavam durante os cinco dias do casamento. Atualmente, a festa dura três ou dois dias, realizada em salões alugados. No primeiro dia, com a noiva vestida de branco, ocorre a cerimônia com o pastor evangélico. No salão duas bandeiras com os nomes dos noivos, simbolizando que ambos eram solteiros. Muita dança e música, sem bebidas alcoólicas por motivos religiosos, o que, conforme D. Isabel tem ocasionado atritos, pois alguns ciganos ainda não são convertidos.

Bandeiras nas barracas dos noivos e na festa indicam que eram solteiros. Em bandeiras vermelhas, bordados com corações e os nomes dos noivos. No caso de pessoas que já foram casadas, não há bandeiras, porém, o dote é oferecido, para não dizer que se deu a noiva de graça. Os casamentos são realizados entre ciganos, não sendo bem vistos os casamentos com *gadjos*, ou *gadjis*, não ciganos. Se isso acontece, o casal tem que seguir o costume dos ciganos. A maioria dos casamentos é entre primos. A virgindade da mulher é muito valorizada, por isso, os namoros são vigiados e os casais devem sempre estar acompanhados por um membro da família.

A questão da virgindade ainda incomoda muito as mulheres ciganas, não em si, mas pela forma como é divulgada. Na festa de casamento, os noivos vão ao hotel, acompanhados dos padrinhos e madrinhas, que ficam à espreita. Após o ato sexual, entram no quarto e olham o lençol, que deve estar manchado de sangue, prova de que a noiva era

virgem, e vasculham tudo, para ver se não houve simulação ou trapaça. Tal desconfiança incomoda as mulheres ciganas, que afirmam que toda virgem sangra, pois deve ficar passiva, sem reclamar da dor. Constatada a virgindade, todos voltam à festa, levando champanhe e buzinando. A alegria é geral.

No dia seguinte, a festa de casamento prossegue, na casa dos pais da noiva ou no salão. A moça usa um vestido vermelho, símbolo de que não é mais virgem. À porta do salão, com um jarro d'água com pétalas de flores, joga água nas mãos dos convidados que lhe dão dinheiro, como nos casamentos de não ciganos, em que se corta a gravata.

Se, antes do casamento, perder a virgindade, a mulher foge com o namorado, pois isso é uma vergonha à família. A esposa do filho mais novo deve morar com a família dele, pois lhe cabe o sustento da mãe, do pai e das irmãs solteiras. Caso contrário, moram em suas casas, mas sempre próximos da família. As esposas devem servir em tudo ao marido: cortar as unhas, entregar a toalha de banho e as roupas, fazer as malas de viagem. As ciganas trabalham mais nas vendas, por sua facilidade de comunicação com outras mulheres.

Os ciganos não convertidos, ou seja, os não evangélicos, ainda temem os mortos, pois acreditam em assombração. Os mortos são enterrados com pratos quebrados, para que se cortem e morram, se acordarem. Durante três dias após a morte, não tomam banho nem lavam a louça com sabão, pois a espuma pode afogar o morto; tiram as pimentas e molhos de pimenta de casa após as 18h, para não arderem os olhos do morto.

Esses costumes e outros, como festas de São João, as 'islavas', festa de promessas, foram abandonadas apenas pelos ciganos evangélicos. Dão grande importância à limpeza, lavando a louça com duas esponjas, uma para vasilhas com gordura e outra para copos. Não comem alimentos que foram tocados por outras pessoas, mesmo sendo da família, usam duas toalhas de banho, uma para enxugar a parte de cima e outra, a parte de baixo.

Os que têm mais de 60 anos são analfabetos, as crianças e os adolescentes vão à escola até à 5ª. ou 6ª. série do Ensino Fundamental, pois, pela tradição cigana, não precisam da escola, mas apenas saber ler e fazer contas: serão vendedores ambulantes, não empregados, como afirma um informante:

A gente não trabalha pros outros, então, a gente já sabe, a gente nasce e sabe que vai ser vendedor, estuda até certo tempo porque não vai ter um emprego fixo, então, não precisa de segundo ou terceiro grau, para ele trabalhar paras si próprio, nós ciganos sabemos disso e também já nascemos com o dom da venda. Também, vai aprendendo com os pais, olhando como os pais fazem.

Quando viajam, sempre vão em grupos. Só vai uma família, quando a cidade é próxima de Aparecida de Goiânia. Costumam vender as colchas ou jogos de casa em casa, ou para lojas. Um comerciante cigano de Ibitinga entrega os pedidos de kit de colchas.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O estudo morfossintático de Ian Hancock, cigano e estudioso da língua e cultura ciganas, possibilita apontar semelhanças entre o romanês dos informantes e o romani-vlax descrito por ele. Tais semelhanças demonstram que os ciganos de Aparecida de Goiânia conservam a sua língua, mesmo sendo bilíngues. Para verificar essa idéia, descrevem-se abaixo alguns aspectos morfossintáticos do romanês comparando-os ao do romani, descrito por Ian Hancock em seu livro *A handbook of vlax Romani*(1995).

4.1 ASPECTOS MORFOLÓGICOS

No que concerne à morfologia, o romanês de Aparecida de Goiânia apresenta processos derivacionais, composicionais e flexionais.

4.1.1 Quanto às desinências de gênero, no romani, segundo Ian Hancock (1995), o masculino singular é formado pelo morfema {-o} e poucas vezes com outros morfemas, o feminino, por sua vez, forma-se quase sempre pelo morfema {-i}. Essas formas também foram encontradas no romanês, como mostra os exemplos dos dados coletados:

Advogado	'dokáto'	advogada	'dokáta'
Rico	'barvalô'	rica	'barvalí'
Namorado	'kamado'	namorada	'kamadjí'
Boi	'Gurú'	vaca	'gurumilí'
Avô	'pápo'	avó	'mamí'
Genro	'jamutrô'	nora	'borí'
Gordo	'tulô'	gorda	'tulí'
Homem não cigano	'gadjo'	mulher não cigana	'gadjí'
Menino	'shaurrô'	menina	'shorrí'
Noivo	'ternô'	noiva	'terní'
Tio	'káko'	tia	'bibí'
Porco	'balô'	porca	'balí'

4.1.2 De acordo com Hancock(1995), em geral forma-se o plural pelas terminações {-a}, {-e} e {-i} sendo, na maioria dos casos, com o morfema {-a}, assim como nos dados coletados:

Cama	'thãn'	camas	'thaná'
Camisa	'gad(e)'	camisas	'gadá'
Carro	'vurdõn'	carros	'vurdõna'
Casa	'kêr'	casas	'kerá'
Cobra	'saph'	cobras	'sápa
Flor	'luluguí'	flores	'luluguíá'
Colcha	'ponhavo'	colchas	'ponheve'
Filho	'shaw'	filhos	'shavê'
Galo	'basnô'	galos	'basnê'
Garfo	'fúrka'	garfos	'fúrtche
Ovo	'ãnrô'	ovos	'ãnrê'
Prima	'vára'	primas	'vári'
Sapo	'jãmbúka'	Sapos	'jãmbúki'

4.1.3 No romani descrito por Ian Hancock (1995), a partícula "le" (os-as) e o quantificador "but" (muitos) sinalizam o plural dos substantivos, quando não há mudança na terminação do vocábulo, isso também foi encontrado no romanês, como mostra os exemplos abaixo:

Dente	'dãn'	dentês	'le dãn'
Boneca	'papúsha'	bonecas	'le papúsha'
Brinco	'islagá'	brincos	'le islagá'
Mão	'vás'	mãos	'le vás'
Boi	'gurú'	bois	'but gurú'
Tomate	'patrijáia'	tomates	'but patrijáia'
Uva	'istrúgura'	uvas	'but istrúgura'

4.1.4 Os números cardinais em romanês seguem a gramática do romani, descrito por Ian Hancock (1995). Assim como mostra os dados coletados:

um	'ekh'
dois	'dui'
três	'trin'

quatro	‘íshitar’
cinco	‘pãnsi’
seis	‘show’
sete	‘êf(i)ta’
oito	‘orthô’
nove	‘inhiá’
dez	‘dêshi’

A composição dos números de 11 a 19 se realiza pela troca do morfema {-i} no vocábulo ‘dêshi’ pelo morfema {-u} e por uma relação de soma entre as partes:

onze	‘dêshu ekh’
doze	‘dêshu dui’
treze	‘dêshu trin’
quatorze	‘dêshu íshitar’
quinze	‘dêshu pãnsi’
dezesesseis	‘dêshu show’
dezesete	‘dêshu êf(i)ta’
dezoito	‘dêshu orthô’
dezenove	‘dêshu inhiá’
vinte	‘bishitái’
trinta	‘trãnda’

De 40 a 90 usa-se o morfema {-var} que significa ‘vezes’, estabelecendo uma relação de multiplicação entre as partes:

quarenta (quatro vezes dez)	‘íshitar var dêshi’
cinquenta (cinco vezes dez)	‘pãn var dêshi’ ou ‘pinda’
sessenta (seis vezes dez)	‘show var dêshi’
setenta (sete vezes dez)	‘êf(i)ta var dêshi’
oitenta (oito vezes dez)	‘orthô var dêshi’
noventa (nove vezes dez)	‘inhiá var dêshi’

4.1.5 De acordo com Hancock (1995, p. 55,56), no romani-vlax existe o artigo masculino, feminino e indefinido, sendo respectivamente, ‘O’. ‘E’ e ‘Ek’ (o mesmo que o numeral cardinal “um”). Não há variação de flexão de número nos artigos definidos e

indefinidos e nestes não há também variação de gênero, o mesmo foi encontrado no romanês, conforme os seguintes dados coletados:

O homem não cigano chegou	‘O gadjô areslô’
O rapaz dormiu	‘O raklô súto’
A formiga mordeu a bunda dela	‘E kír Dan dawdias láki bul’ inhiá’
A mulher não cigana comprou os brincos	‘ E gadjǎ kindiá le islága’
Um formigas morderam a bunda dela	‘Ekh kiriá dandaw días láki bul’

4.2 ASPECTOS SINTÁTICOS

4.2.1 No português a marcação do infinitivo é sufixal, já no romani-vlax, segundo Hancock (1995, p. 78), o infinitivo é formado por (te) + verbo, assim como no romanês, como mostram os seguintes exemplos do corpus:

Eu vou comprar carne	‘me <u>j</u> áw te kináv más’
Eu vou procurar casa	‘me <u>j</u> áw te besháv kêr’
Vou vender	‘me <u>j</u> áw te bikináv’
Eu vou trabalhar	‘me <u>j</u> áw te radív’
Eu vou procurar casa para morar	‘me <u>j</u> áw rrodaw kêr te besháv’
eles vão andar muito	‘von <u>j</u> ân te pirên but’
Eu vou tomar banho	‘me <u>j</u> áw te naiovál’

4.2.2. A partícula ‘te’ em romani-vlax além de indicar o verbo no infinitivo, também sinaliza a preposição “para” (Hancock, 1995, p. 62), o mesmo acontece no romanês, de acordo com os seguintes exemplos do corpus:

Não vá para casa agora	‘ na <u>j</u> á te kêr akaná’
Isto é para mim?	‘godô si te mǎnge?’

4.2.3. A partícula ‘pe’ em romani-vlax (Hancock 1995) é usado como pronome reflexivo de terceira pessoa, usando-se o hífen após o verbo, assim como no romanês, conforme dados coletados:

Os ciganos se ajudam	‘ le rrom ajutchíw-pe’
Eles não se gostam	‘vôn ti volím-pe’
Eles se amam	‘ vôn volím-pe’

4.2.4 De acordo com Hancock (1995, p. 81), no imperativo em romani-vlax, normalmente, o verbo se mantém no presente para uma pessoa; para mais pessoas acrescenta-se a partícula 'en' à raiz do verbo, como nos exemplos coletados de meus informantes:

Olhe aquele carro	'díkh godô vurdôn'
Olhem aquela casa	'díkhên godô kêr'
Pague o que está devendo	'pôkh so kamês'
Paguem o que estão devendo	'pôkhên so kamês'
Compre as bonecas	'kindê le papúsha'
Comprem as colchas	'kinden le papúsha'

4.2.5 De acordo com Hancock (1995), os adjetivos, no romani-vlax, podem vir antepostos ou pospostos aos verbos ou aos substantivos, como nos exemplos em romanês falado pelos informantes:

Que bonito dela rosto! Que bonito o rosto dela!	'ke shukár láko mui'
Você é bonita	'tu san shukár'
Ele é agradável	'voi si dragôssu'

4.2.6 Conforme assinala Hancock (1995, p. 86), no romani-vlax, o verbo ter no presente do indicativo, afirmativo ou negativo, flexiona-se como:

eu tenho	'si ma'	eu não tenho	'nai ma'
você tem	'si tu'	você não tem	'nai tu'
ele tem	'si lês'	ele não tem	'nai lês'
ela tem	'si la'	ela não tem	'nai la'
nós temos	'si amê'	nós não temos	'nai amê'
vocês têm	'si tumê'	vocês não têm	'nai tumê'
eles têm	'si le(n)'	eles não têm	'nai le(n)'

O romanês, falado pelos ciganos de Aparecida de Goiânia, segue as formas do romani-vlax, como mostram os exemplos:

Eu tenho muito ouro	'si ma but sunakái'
Você tem dinheiro	'si tu lovê'
Ele não tem serviço	'nai les bukê'
Eu não tenho dinheiro	'nai ma lovê'
Nós não temos mais cadeiras	'nai amê mo sin(i)'
Quantos anos você tem?	'sôde boshii tu si tu?'

Eles não tem casa

'nai le khê'

4.3 VOCABULÁRIO

Os informantes, ciganos de Aparecida de Goiânia, não souberam dizer em romanês vocábulos relacionados à escola: borracha, professor, diretor, nota, caneta, estojo, giz, lousa, apagador. Para se referir a tais termos utilizam termos da língua portuguesa.

Tal fato não mostra apenas o processo de possível perda de vocábulos, a relexificação (substituição do léxico) do romanês, mas também que a escola não faz parte da vida dos ciganos, principalmente, se consideramos que todos os indivíduos da primeira geração e muitos da segunda são analfabetos e os da terceira geração não concluem o primeiro grau. Assim, palavras que não fazem parte do cotidiano das pessoas acabam sendo esquecidas ou não adquiridas.

A não fixação em um espaço e a não apropriação das benesses socioculturais acarretam deslocamentos linguísticos para os ciganos, evidenciando a relação íntima da língua com a sociedade, como meio de propagação da cultura, sinal de progresso e alienação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de os *Kalderash* de aparecida de Goiânia serem seminômades e terem deixado algumas tradições ciganas como a leitura de mãos pelas mulheres, o romanês falado por eles é um dialeto que preserva grande parte do léxico e da sintaxe, comparado ao romani-vlax descrito por Hancock (1995), pois apresenta a maioria do léxico e da gramática de origem.

A resistência linguística e cultural dos *Kalderash* estudados mostram a consciência da importância de manter as tradições, como o casamento somente entre os ciganos, as crianças frequentarem a escola apenas até a 5ª ou 6ª série, para evitar a contaminação de hábitos e visões dos não ciganos, ou seja, a aculturação ao novo meio. É suficiente o conhecimento matemático e da língua portuguesa para continuarem ciganos, comerciantes, não empregados de ninguém. A escola é para pessoas que pretendem um emprego ou fazer carreira.

A pesquisa mostra os *kalderash* como um grupo conservador, com um vocabulário básico, categorias gramaticais, com base no dialeto romani-vlax, linguística e culturalmente

diferentes da cultura brasileira. A atitude adaptativa de ser bilíngue é um meio de o grupo evitar a discriminação social e o sentimento de inadequação.

Os *kalderash* de Aparecida de Goiânia fazem questão de manter a língua, o romanês, a fim de bloquear a comunicação com pessoas que não fazem parte de seu grupo, como meio de identificação, auto-afirmação e defesa contra uma sociedade que os vê como enganadores, caloteiros, ladrões e vândalos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHINA, José B. d'Oliveira. *Os ciganos do Brasil* (subsídios históricos, ethnographicos e linguísticos). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1936.

COELHO, Adolpho. *Os ciganos de Portugal – com um estudo sobre o Calão*. Imprensa Nacional, Lisboa, 1892.

COUTO, Hildo Honório do. *Anticrioulo: manifestação lingüística de resistência cultural*. Brasília: Thesaurus, 2002.

_____. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

HANCOCK, Ian F. *A handbook of Vlax Romani*. Columbus: Slavica Publishers, 1995.

MELO, Fábio J. Dantas de. *Os ciganos de Mambá: a sobrevivência de sua língua*. Brasília: Thesaurus, 2005.

MOONEN, Frans. *Ciganos na Europa e no Brasil*. 1997 (MS).

_____. *Cigano Calon na cidade de Sousa, Paraíba*. In: MOTA, Ático Vilas-Boas da. *Ciganos – Antologia de ensaios*. Brasília: Thesaurus, 2004.

MORAES FILHO, Mello. *Os ciganos do Brasil e o cancioneiro dos ciganos*. São Paulo: Itatiaia; Edusp, 1981.

MOTA, Ático Vilas-Boas da. *Os ciganos: uma minoria discriminada*. In: *Revista Brasileira de Política Internacional*. Rio de Janeiro, 1986.

Recebido em 10 de agosto de 2010.

Aceito em 2 de setembro de 2010.